

As estratégias de afirmação social das mulheres no romance *O asno de ouro*, de Lúcio Apuleio

Luciane Munhoz de OMENA*

RESUMO

O presente artigo analisará as estratégias de afirmação social das mulheres no século II d. C. no romance *O asno de ouro*, de Apuleio. Este revela-nos uma preocupação excessiva com o declínio da instituição matrimonial em função da emancipação feminina. Para tanto, escolhemos as personagens Psiquê, a “esposa do jornaleiro”, Fótiis e Méroe, representantes do universo feminino no Mundo Romano.

Palavras-chave: casamento, mulher, autonomia.

ABSTRACT

The article will analyse the social affirmation strategies of the women from 2nd century A.D. in the novel *O asno de ouro*, by Apuleio. It will reveal us an excessive worry about the matrimonial institution decline because of female emancipation. For that, we have chosen the characters' psyche, the news carrier's wife, Fótiis and Méroe. They are the female universe representatives from the Roman World.

Key-words: marriage, woman, autonomy.

O universo feminino em Roma tem sido tratado pela historiografia apenas recentemente. As interpretações que se têm produzido ainda não chegaram a consolidar pareceres significativos. Um dos poucos consensos é aquele que desenha mulheres que não são capazes de responderem por si. As mulheres são apresentadas sempre como vinculadas a um ele-

* Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade de Campinas.

mento masculino que as conduz em suas ações mais cotidianas. Contudo, creio que este tipo de abordagem é, em si, pouco fundamentado na realidade vivida desta sociedade. O estudo indicou que essa visão é derivada da aceitação do que rezam as normas legais como retrato da realidade. Nosso trabalho procurou ser mais sensível à regularidade do que ao regulamentar.

O estudo das mulheres na Antigüidade Clássica é moldado sob os parâmetros da submissão. As relações e ações femininas são banalizadas ao extremo. Esta tradição historiográfica apoia-se em uma aceitação unívoca da idéia de autoridade do *pater familias* como realidade concreta da vida familiar. De fato, segundo estas pesquisas, os homens reprimiam suas mulheres com tanto êxito, que elas não chegavam a ter qualquer tipo de estratégia que extrapolasse os limites dos costumes patriarcais. Examinemos alguns dos historiadores filiados a esta proposta, como: Paul Veyne, M. I. Finley, Aline Rousselle.

Paul Veyne define o casamento romano como “um ato privado (...) nenhum poder público deve sancionar (...) um ato não escrito (não existe contrato de casamento, mas apenas um contrato de dote).”¹ Além do dote, a instituição podia oferecer a sucessão e a perpetuação do núcleo de cidadãos, contanto que estes fossem gerados pelas justas bodas, ou seja, os descendentes tinham de ser legítimos. Apesar de ter enfatizado o matrimônio, sua discussão está centrada na moral estóica, que estabelece um tratamento diferenciado daquele que era dado anteriormente à esposa. Contudo, tal mudança não a colocou em condição de ter a mulher alguma capacidade de afirmação.²

A partir do século I d. C., a moral prescrevia que o marido deveria oficialmente respeitar sua mulher, pois não seria mais um instrumento do dever cívico, e sim, uma companheira. Todavia “só lhe resta continuar racional; quer dizer, conhecendo sua inferioridade natural, obedecer; o esposo a respeitará como um verdadeiro chefe respeita seus auxiliares devotados, que são seus amigos inferiores.”³ Ou seja, “la femme n’était pas non plus la

1 VEYNE, P. *História da vida privada: do império romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 45.

2 Ibid., p. 47.

3 Ibid., p. 49.

parède, maîtresse da la maison; c'était une mineure que le mari gouvernait comme il gouvernait ses clients e affranchis."⁴ E acrescenta,

...la très grande liberté des moeurs dans l'aristocratie du Haut-Empire, et sans doute dans la plèbe urbaine, n'a évidemment rien à voir avec une émancipation de la femme et avec une élévation de celle-ci en dignité: les femme sont et demeurent des petites créatures.⁵

Dentro desta mesma perspectiva, Finley, afirma que a análise das mulheres na Antigüidade é de difícil realização. Quase não há documentação. Aquela que existe mostra que as mulheres não teriam muito a dizer se às próprias mulheres fosse permitido falar por si mesmas. Como exemplo desse seu entendimento, Finley cita um epitáfio:

...amigo, não tenho muito a dizer; pare e leia. Esse túmulo, que não é belo, é de uma bela mulher. Seus pais deram-lhe o nome de Cláudia. Amou seu marido de coração. Dele concebeu dois filhos, um dos quais deixou sobre a terra, e o outro abaixo dela. Agradável de se conversar, e andava com graça. Cuidava da casa e trabalhava a lã. Isto é tudo. Pode ir.⁶

Para Finley, é inconcebível uma mulher que utilizasse estratégias de afirmação social em um universo tão restrito. O pesquisador em questão diz que as mulheres

4 VEYNE, P. *La société romaine*. Paris: Éditions du Seuil, 1978. p. 96.

5 Ibid., p. 100.

6 Inscrição tumular, apud FINLEY, M. I. As silenciosas mulheres de Roma. In: *Aspectos da antigüidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 150-151.

...não possuíam [nem sequer] nomes individuais⁷ (...) até uma época relativamente tardia. Na verdade, é como se os romanos quisessem sugerir (...) que as mulheres não eram ou não deveriam ser indivíduos genuínos, mas apenas frações de uma família. Mesmo porque, a maioria das Cláudias aceitava e até mesmo defendia seus homens, elas não conheciam outro mundo.⁸

A tamanha insignificância atribuída às mulheres, por estes autores, é corroborada por Aline Rousselle. Para ela,

...as mulheres não contavam como unidades a considerar. Apenas no século III quando Diocleciano ordenou o recenseamento de toda a população do Império a fim de cobrar impostos de capitação, fez contar as mulheres, de maneira desigual: na Trácia, por exemplo, duas mulheres valiam um homem nos domínios rurais.⁹

Além disso, sustenta que as mulheres das camadas favorecidas e as da alta sociedade são educadas para a continência sexual no futuro –

7 “É sabido, no direito romano, que as mulheres não tinham descendência legítima, incapazes pela mesma razão, de ter herdeiros ‘seus’, isto é, descendentes que lhes sucederiam intestados, de pleno direito e automaticamente. As incapacidades da mulher romana não seriam senão uma tradução institucional da situação inferior da mulher a que ela se encontrava relegada por uma sociedade de dominância masculina”. Ver em THOMAS, Y. A divisão dos sexos no direito romano. In: DUBY, G.; PERROT, M. *História das mulheres (antiguidade)*. Porto: Afrontamento, 1990. p. 127-202. Sabemos que havia tais órgãos repressores, contudo, é exagerado pensar, que as mulheres não reagiam a estas instituições masculinizadas. Como bem destacou Lourdes Feitosa e Fábio Faversani: “A historiografia geralmente tem tomado estes preceitos jurídicos como retrato da realidade, sendo que algumas exceções ilustres apenas serviriam para reafirmar a regra e demonstrar a fraqueza dos homens que permitiriam que as mulheres tivessem poder. [No entanto] alguns aspectos (...) mostram o estatuto de suas capacidades jurídicas e que vão lhe conferindo maior autonomia ao longo do século primeiro de nossa era. Segundo as leis romanas, o estatuto jurídico que determina a condição de escravo ou livre de uma criança, ao nascer, é determinado pelo *status* de sua mãe, sendo ela casada ou não. A mulher livre e cidadã gera um filho romano. O mesmo não acontece com o homem, pois apenas as crianças nascidas do pai e as nascidas de um casamento legítimo seguem a condição do pai e as nascidas fora desta relação, a condição da mãe, embora o homem possa conferir o seu *status* de cidadão a outro, em um sistema de adoção”. FEITOSA, L. M. G. C.; FAVERSANI, F. *Sobre o feminino e a cidadania em Pompéia*. Campinas, 2000. Manuscrito Inédito.

8 *Ibid.*, p. 151.

9 ROUSSELLE, A. A política dos corpos: entre procriação e continência em Roma. In: DUBY, G.; PERROT, M. *História das mulheres (antiguidade)*. Porto: Afrontamento, 1990. p. 353.

depois de terem gerado três filhos – fazendo com que ignorem o seu corpo e o seu próprio prazer. Esta prática da continência da classe alta acaba por converter-se em sinal da sua distinção.¹⁰ Logo, não há lugar para escolha: uma mulher não escolhe o celibato, não escolhe o casamento, a maternidade e nem sempre escolhe sua nova união depois de viúva. A historiografia, assim, apresenta a mulher submissa em tudo aos homens. Quando não é submetida pelos homens, é malévola para eles!

Tal idéia nos parece estranha. Ao lermos Pierre Grimal, temos que:

...durante muito tempo elas permaneceram submissas, mas, depois que várias maternidades aumentavam seu prestígio, quando chegavam à maturidade e viam-se livres da ciumenta ascendência das parentas mais velhas, sua desforra era fulminante. Nesse momento os maridos, que por muitos anos tinham dominado sua juventude, tornavam-se vítimas dessa revolução doméstica.¹¹

O estudo dos vínculos matrimoniais romanos tem dado ênfase a três aspectos bem restritos dentre aquelas passíveis de análise. Quase todos os autores têm se debruçado sobre as famílias mais importantes do Mundo Romano, em especial, aquelas que se compunham dentro de ambiente palaciano imperial. Quando não, a preocupação analítica recai sobre a estrutura jurídica do casamento (sua realização, dissolução e gestão do dote). Por fim, a terceira preocupação fundamental dos estudiosos volta-se ao problema da idade com que as mulheres se casavam.

A nossa preocupação difere dessas predominantes. Observamos que a família, que se constitui como um importantíssimo núcleo de poder, pode ser uma alternativa usada pelas mulheres para levar a cabo uma estratégia de afirmação que lhes assegure maior autonomia social. Nossa pretensão é trazer à luz as aspirações e estratégias desenvolvidas no âmbito do casamento pelas mulheres ficcionalmente construídas no romance *O asno de ouro*, de Apuleio.

10 ROUSSELLE, op. cit., p. 385.

11 GRIMAL, P. *O amor em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 99.

Psiquê: uma esposa que foi endeusada

O conto de Psiquê e Cupido é a passagem mais discutida pelos analistas da obra que estudamos. Discutiremos a ação particular que Apuleio desenhou para Psiquê. A problemática matrimonial, que é discutida enfaticamente por Apuleio através da personagem, será o centro de nossas atenções. A análise do conto será desenvolvida em quatro momentos, que acompanham o encadeamento do episódio: Psiquê solteira, casada, separada, e casada novamente.

Psiquê é protagonista de um episódio narrado por uma senhora. A própria narradora faz notar o caráter extraordinário de sua fábula. Ela narra o conto de Psiquê a uma moça que é sua prisioneira e se mostra assustada: De início, já afirma: “Mocinha, tenha ânimo (...). Demais, eu poderei te distrair com lindas histórias e contos de gente velha.”¹²

A velha apresenta Psiquê como a linda filha de um rei. Sua incomparável beleza era confundida com a da deusa Vênus. Isso fazia com que nenhum pretendente se julgasse digno de se casar com ela. Como se não bastasse, a comparação da beleza de Psiquê com Vênus provocou a ira da deusa. O povo não atendia mais aos seus rituais, abandonando-os completamente para servir àquela bela jovem. Sendo Psiquê uma princesa, Vênus a pune fazendo recair sobre seu Reino uma série de calamidades. Então, seu pai vai até o Olimpo para ouvir o oráculo de Apolo:

Psiquê, virgem desdenhada, ficava em casa, a chorar seu abandono e solidão (...) Afinal, o pai triste da desventurada jovem, suspeitando haver contra ela alguma celeste maldição, e temendo ter incorrido na cólera do alto, interrogou o oráculo do deus de Mileto. Ofereceu a essa poderosa divindade preces e vítimas, pediu para a desdenhada virgem um himeneu e um marido.¹³

Este anuncia as núpcias mortais da jovem: “Sobre o rochedo escarpado, (...), expõe, rei, a tua filha, para as núpcias da morte.”¹⁴ Após a ordem do

12 APULEIO, L. *El asno de oro*. Madrid: Alianza, 1988. p. 71.

13 *Ibid.*, p. 73.

14 *Ibid.*, p. 75.

deus, o rei, sem mais demora, cumpre-a. Psiquê mostra-se submissa à condenação divina pela impossibilidade de ir contra a ordem de um oráculo.

O pai de Psiquê, após as ordens do oráculo, sacrifica-a: “Ultimaram, então, em profunda tristeza, os solenes preparativos desse tálamo fatal, e, seguido de todo o povo, o cortejo se pôs em marcha, acompanhando esse cadáver vivo.¹⁵ Psiquê nada opõe a seu sacrifício, nada diz.

A necessidade de gerar filhos legítimos fazia com que o poder do pai sobre as filhas fosse de uma qualidade diversa daquele do marido sobre a esposa. O princípio de poder era o mesmo: *potestas patris*. No entanto, *esse in potestate patris* é diverso de *esse in potestate coniugis*. Em especial, no caso das filhas que não tinham direito nem pela sua vida, pois não conseguiam de maneira alguma influenciar seus pais. Apesar das limitações que lhe impunham a ordem tradicional, a esposa podia ganhar um espaço nas discussões a respeito de seus destinos. Suas chances de intervenção se ampliavam mais com o marido, do que seria possível com o pai. Na casa deste, não cabia a ela a organização doméstica. Aí ela permanecia em posição secundária, pelo fato de não poder gerar filhos legítimos. E esse segundo dado talvez seja o mais importante. O poder de realizar a procriação era um poderoso instrumento de afirmação. A esposa sempre poderia procurar obter vantagens em nome da fertilidade.

Psiquê é salva da morte por Cupido, filho de Vênus. Apesar da necessidade do consentimento público para o casamento, representado por Vênus e a comunidade divina, Cupido numa atitude isolada, desobedece às ordens da mãe, unindo-se a Psiquê. O deus a leva para um palacete isolado. A capacidade de Psiquê intervir no seu próprio destino muda quando ela se casa. Por exemplo, a jovem deseja rever seus familiares. O marido é contra. Contudo, Psiquê quase manda em seu marido-deus: “Assim, ordena só uma vez mais, a Zéfiro, que desempenhe essa incumbência, pois, na falta de contemplar teu sagrado rosto, o que me é recusado, deixa que eu veja ao menos minhas irmãs.”¹⁶

O desejo de Psiquê rever seus familiares é apresentado como uma necessidade em função das condições especiais em que vivia. Psiquê morava em um castelo com escravas invisíveis e sem conhecer o rosto do marido,

15 APULEIO, op. cit., p. 74.

16 Ibid., p. 78.

que a exclui por completo de suas relações sociais. Isso faz com que ela exija a possibilidade de construir por si e para si vínculos sociais. Temos, com isso, um rompimento com a historiografia que defende que a mulher não passa de um mero objeto decorativo da casa. Se assim fosse, ela nem tentaria convencer o marido da necessidade de manter relações sociais externas à casa do marido. Mais ainda, note-se que a mesma Psiquê que não questionou que o pai sacrificasse sua vida não admitia que seu marido a mantivesse “enterrada-viva” em casa. O contraste é eloquente.

Cupido, a contragosto, se curvará aos desejos de sua esposa. As irmãs são trazidas ao castelo em que vivia Psiquê. Sentem inveja dela gozar de uma condição superior. As irmãs se consolam com o fato de que Psiquê desconhecia a identidade do marido. Por inveja, instigam-na a obrigá-lo a revelar sua identidade. Convencem-na de que, se ele não quer se mostrar, é porque se trata de algum ser monstruoso que coloca sua existência em perigo. Desta forma, tendo encontrado Psiquê bem em seu casamento, ajustam um meio de desestabilizá-lo. Psiquê, influenciada pelas irmãs, trai o marido, que tinha pedido a ela para que não tentasse ver seu semblante. À noite, quando esse dormia, vê seu rosto. Era Cupido. Atordoada, toca sua flecha, e é tomada pelo próprio Amor. Em êxtase, derrama óleo quente no deus, que acorda e percebe que tinha sido reconhecido. Cupido a pune, com a separação. Enquanto suas irmãs são levadas à morte.

Vênus, irada com a desobediência de seu filho, usa todos os meios para encontrar Psiquê. A deusa condena a situação social da “recém-casada”, por não ser condizente com a de seu esposo. Apesar de ser filha de um rei, não possuía o *status* do marido, divino. A deusa Vênus, em plena cólera, condena seu filho Cupido por ter desobedecido suas ordens:

Para começar, desdenhaste as ordens de tua mãe e tua soberana, o que é pior! E, em lugar de infligir à minha inimiga os tormentos de um amor ignóbil, tu mesmo, rapazinho sem respeitar coisa alguma, te uniste a ela, com laços precoces demais.¹⁷

Assim, o matrimônio não seria válido, por ser uma união entre desi-

17 APULEIO, op. cit., p. 89.

guais. “O filho de uma vil escrava passará por neto de Vênus! Mas eu sou tola. Um filho, eu digo? Não. Os cônjuges são de condição desigual.”¹⁸ Portanto, uma união entre elementos de classes diferentes e sem testemunhas, invalida também o fruto dessa união legítima.

Psiquê vagava pelo mundo em busca de seu ex-marido. Psiquê, extenuada pela busca de seu cônjuge e atordoada com a perseguição de Vênus, decide entregar-se. Vênus, então, obriga-a a realizar tarefas de cunho mágico. As tarefas eram de impossível consecução para uma mortal que não recebesse qualquer ajuda. Mas, sendo ajudada em cada uma delas, Psiquê se desincumbe de todas. Passando pelas provas, é divinizada.

Psiquê, precisou ser divinizada para legitimar sua união com Cupido: “toma, Psiquê, disse-lhe [Júpiter], e sê imortal. Jamais Cupido se desembaraçará dos laços que o ligam a ti. As vossas núpcias são perpétuas.”¹⁹

Dessa forma, através do episódio, temos quatro momentos que são delimitados pela situação conjugal de Psiquê. No início, Psiquê é solteira e, submetida ao pai, não tem nenhuma autonomia. De forma clandestina, casa-se com Cupido. Nesse segundo momento terá alguma autonomia, mas, por não ter legitimado publicamente sua situação conjugal, essa maior independência não extrapola os muros de seu castelo. Só ali seu casamento é válido. Só ali ela tem alguma autonomia. Quando se vê abandonada pelo marido, procura, a todo custo, recuperar o esposo. O fim do casamento, paradoxalmente, o faz conhecido publicamente, pelo escândalo da revelação da identidade de Cupido. Sua publicidade invalida a união. Isso faz com que a busca do marido não seja só a procura de sua pessoa, mas também de reconhecimento da sua condição de esposa desse. Só com a equiparação de Psiquê ao nível de seu marido, através da divinização, é que a reconciliação será possível. Nesse quarto momento, Psiquê, com o casamento publicamente acatado, vive seu maior nível de autonomia, como deusa.

Percebemos na mulher uma grande emancipação no interior do casamento. Sua autonomia pode se ampliar pelo fato de ser sustentáculo de uma instituição a que se conferia uma enorme importância, que era simbolicamente representada pelo dever cívico e pela fertilidade. Em Apuleio, isso é perceptível através do relacionamento de Psiquê com seu pai e Cupido. O

18 APULEIO, op. cit., p. 94.

19 Ibid., p. 101.

matrimônio, além de carregar essa conotação de distinção entre o pai e o marido, traz-nos também um vínculo público e privado. Isto explica-se por ser, por um lado, juridicamente baseado no livre consentimento dos esposos; por outro, era o meio de se estabelecer alianças entre as famílias para garantir o apoio dentro da urbe e uma forma de transmissão da cidadania. Em resumo,

...determinar se os cônjuges estavam unidos em justas núpcias (...) era uma situação de fato que criava efeitos de direito: os filhos de tais núpcias são legítimos; tomam o nome do pai, sucedem-no na propriedade do patrimônio [e nos domínios públicos] (...) se não foram deserdados.²⁰

As estratégias de afirmação social das mulheres pobres

Nessa seção tratarei das estratégias de afirmação social das mulheres pobres no interior do casamento romano. Para tanto, escolhemos três personagens, a “esposa do jornaleiro”, Fótis e Méroe.

Iniciemos pela “esposa do jornaleiro”. Esta personagem aparece no romance quando o asno-Lúcio²¹ e seu dono, o “velhaco carnicheiro”, nesse momento da trama, chegam até uma aldeia e lá ouvem uma historieta de um homem que fora ludibriado por sua esposa. O tal indivíduo, muito pobre, mal vivia com seu salário, prestando serviços como jornaleiro. Tinha uma mulher conhecida “por sua excessiva lascívia.”²² Um dia, entretanto, enquanto o marido foi trabalhar, entrou em sua casa um audaz amante. Estavam tranqüilos em seus combates amorosos, quando o marido, sem suspeitar da situação, retorna repentinamente a casa. Encontrando as portas trancadas e “louvando já a virtude da mulher, bateu e assobiou para anun-

20 VEYNE, op. cit., p. 46.

21 O personagem protagonista torna-se asno pelo fato da escrava Fótis ter passado o unguento errado ao tentar transformá-lo em pássaro.

22 APULEIO, op. cit., p. 140.

ciar-lhe a sua presença.”²³ Sua mulher de improviso, esconde o amante em um *dolium*²⁴ vazio, que se encontrava em um canto. Só então abre a porta ao marido, tratando-o com aspereza: “tenho sempre de te ver flanando, desocupado, preguiçoso, de mãos nos bolsos. Lá deixaste o teu trabalho, sem pensar no sustento, nem em procurar o que comeremos.”²⁵

O marido, desconcertado com essas palavras, replicou: “E que dizes disto? Retido por um negócio forense, nosso chefe da oficina nos deu um feriado; entretanto, providencie para nosso jantar de hoje. Olha para este *dolium*, sempre vazio (...) vendi-o por seis denários.”²⁶ Diante da situação, a astuta mulher, lança uma gargalhada, dizendo: “O grande homem! Vejam só o hábil comerciante! Um objeto que eu, simples mulher, e sem sair de casa, vendi há um momento por sete denários, ele se desfaz por menos.”²⁷ O marido surpreendido com a venda pergunta-lhe sobre o comprador, e ela responde: “há que tempo, imbecil, que ele desceu para dentro do *dolium*, para experimentar-lhe a solidez!”²⁸

Enquanto, o casal discutia, o antigo comprador fala à mulher: “Queres saber a verdade, mãe? Teu *dolium* é velho demais, e cheio de fendas e buracos.”²⁹ Após sua saída, o jornalista tira a roupa e pede ao falso comprador que saía, pois o próprio limparia o objeto. Trocando de lugar com o marido que ficou oculto no interior do *dolium*, o amante termina o ato sexual, sem que o marido percebesse, e paga o devido dinheiro.

Essa situação de adultério é muito presente no universo romano, tanto os homens quanto as mulheres traem. Mas a historiografia comenta somente os casos masculinos e sua liberdade para fazê-lo. Quando muito, a mulher não passa de um dos elementos da casa, que compreende igualmen-

23 APULEIO, op. cit., p. 140.

24 Este termo designa é uma espécie de vasilha bojuda de grandes dimensões, feita de barro, espécie de pote ou talha, e feita algumas vezes de madeira, como pipa ou tonel, onde se guarda vinho, azeite. No entanto, a tradutora Ruth Guimarães, o traduz como uma jarra, por acharmos impreciso utilizarmos *dolium*, o termo originário do romance; “Tunc mulier callida, et ad hujusmodi flagitia perastutula, tanacissimis amplexibus expeditum hominem, dolio, quod erat in angulo semiobrutum sed alias vacuum, dissimulanter abscondit”. APULÉE, L. *Ouvres Complètes*. Traduit par: Victor Bétolaud. Paris: Garnier Frères, 1891. p. 278; Cf. FUNARI, P. P. A. Em torno da ânfora: terminologia latina dos vasos recipientes. *Cultura clássica em debate*. Belo Horizonte: UFMG, 1987. p. 51-61.

25 APULEIO, op. cit., p. 140.

26 Ibid., p. 140.

27 Ibid., p. 140-141.

28 Ibid., p. 141.

29 Ibid., p. 141.

te os filhos, os libertos, os escravos.³⁰

No entanto, Apuleio nos mostra uma mulher que cria conflitos, desafiadora da moral masculina, ou seja, mulheres que buscam seu espaço social quer através de amantes como a “esposa do jornaleiro”, quer por outras formas. Negligenciam, assim, os deveres de esposa, de mãe e de *domina domi*. Tão grande é a independência da “esposa do jornaleiro” que conduz o amante em seu lar, sem o esposo sequer supor a circunstância. Mas, sem nada saber, ele orgulha-se de sua virtude:

...um dia, em que nosso homem partira muito cedo para o trabalho, introduziu-se em sua casa, às furtadelas, um temerário adúltero (...) o marido, que ignorava tudo (...) voltou inesperadamente. Encontrou a porta fechada e aferrolhada. Louvando a virtude da mulher, bateu e assobiou para anunciar-lhe sua presença.³¹

O adultério da personagem representa a apreensão de Apuleio com a solidez dos matrimônios de seu tempo. O casamento era um importante símbolo de uma cultura dominante romana, que se constituía, em geral, a partir da construção de uma auto imagem conservadora, pois o que importava era seu forte senso de continuidade através da mudança, sua resoluta aceitação das leis e da tradição.³² Nesse sentido, a infidelidade é a imagem da dissolução do casamento realizado em função de suas conseqüências patrimoniais e de alianças entre famílias, que garantiam a estabilidade e a continuidade das famílias aristocráticas. E Apuleio, membro de uma aristocracia provincial, mas afinado com os padrões culturais romanos, põe-se preocupado com o casamento romano ao mostrar os homens em situação constrangedora, enfraquecida pelo afrouxamento de sua autoridade, pela dissolução da distribuição de poder prevista pela tradição.

Por outro lado, a prática matrimonial nas camadas miseráveis retratava um esquema de sobrevivência. Temos que lembrar que o povo “viviu amontoado em cubículos exíguos e as famílias populares, na maior parte dos

30 VEYNE, op. cit., p. 50.

31 APULEIO, op. cit., p. 140.

32 FUNARI, P. P. A. *Cultura popular na antiguidade clássica*. São Paulo: Contexto, 1989.

casos, não tinham nem acesso a banheiro e cozinha próprios.”³³ De fato, a mulher e os filhos, possuíam uma participação ativa no núcleo econômico, por exemplo, a “esposa do jornaleiro” o humilha dizendo que ele não é capaz de trazer nem o azeite, símbolo de miséria: “E eu, desgraçada, tanto à noite como de dia, que torça os dedos a fiar a lã, para que em nosso pobre quarto uma lâmpada ao menos se mantenha acesa.”³⁴

Além de serem fiandeiras, exerciam funções de parteiras, ama, estalajadeiras. Tais trabalhos, muitas vezes, foram de suma importância como é o caso das parteiras. Estas possibilitaram aos médicos um conhecimento anatômico do corpo feminino, pois

...foram as mulheres que – com uma atenção muito sutil – observaram seus próprios corpos. Algumas delas adquiriram qualificações e foram de certo modo as especialistas do bairro, da aldeia, da casa (...). São parteiras que cuidam de todas as doenças das mulheres; foram elas que informaram os médicos antigos, aqueles de quem lemos os escritos.³⁵

Não seria absurdo, portanto, supor que

...as mulheres das classes subalternas inferiores eram mais emancipadas, mais iguais, se não de direito, pelo menos de fato, e mais, amplamente aceitas como indivíduos (...) que suas irmãs aristocráticas (...). Some-se a isso a necessidade econômica, as más condições de moradia e o fato de trabalharem para viver e não para matar o tempo.³⁶

Como fizemos com a “esposa do jornaleiro”, iniciaremos nossa análise de Fótis, percebendo sua colocação no universo narrativo. Fótis surgiu no romance após a chegada de Lúcio à Tessália. Por recomendação de seu amigo Deméias, Lúcio se hospeda na casa do senhor Milão. Esse era

33 FUNARI, op. cit., p. 39.

34 APULEIO, op. cit., p. 140.

35 ROUSSELLE, A. *Pornéia: sexualidade e amor no mundo antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 38.

36 FINLEY, M. I. *Aspectos da antiguidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 158-159.

casado com Panfília, que possuía uma escrava chamada Fótiis. Lúcio descobre que Panfília é iniciada nas artes mágicas. E “em vez de ter cautela, (...) ambicionei, ao contrário, ardentemente, meter-me em tal escola, custasse o que custasse.”³⁷ Para realizar tal intento Lúcio se aproxima da escrava pela qual já demonstrará ter alguma atração:

Nada de intriga amorosa com a tua hospedeira (...). Mas a fâmula Fótiis, podes resolutamente atacar. É uma bonita moça, gosta de rir e é viva. Ontem à noite conduziu ao teu quarto, te pôs no leito com gesto brando, retirou-se com pena, isso se lia no seu rosto.³⁸

Não havia nada de excepcional em um homem livre ter um caso amoroso com uma escrava. Não se permitia manter uma ligação afetiva com uma matrona, símbolo do matrimônio e da fertilidade. Visto que, “a fecundidade humana possuía um caráter sagrado; portanto o casamento era um ato solene, especialmente quando realizado entre famílias que assim uniam suas descendências.”³⁹ Mas nos interessa, em particular, a atuação de Fótiis na casa de seus senhores e a maneira pela qual envolve seu amante.

Responsável pela organização doméstica, mantém um alto grau de autonomia no interior da casa. Esta função cabia a matrona. Tamanha era a liberdade, que seduziu um hóspede e manteve com ele um relacionamento amoroso sem que seus senhores soubessem. Lúcio descreve como Fótiis preparou o primeiro encontro: “a cama dos escravos tinha sido arranjada no chão, fora e longe do quarto, sem dúvida a fim de afastar qualquer testemunha dos nossos encontros noturnos.”⁴⁰

Além de seu desembaraço, na casa de seus senhores, observamos o seguinte diálogo entre Lúcio e Fótiis:

Que fino cozido preparas! Feliz, sim certamente, e favorecido pelo destino, aquele a quem permitires enfiar o dedo aí (...)

37 APULEIO, op. cit., p. 30.

38 Ibid., p. 31.

39 GRIMAL, P. *O amor em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 6-7.

40 APULEIO, op. cit., p. 35.

“Salva-te, desgraçadinho, arreda-te para bem longe do meu fogão. Se a menor faísca te atingir, queimarás até a medula, e ninguém extinguirá o braseiro, senão eu, que conheço as boas receitas e sei fazer dançar agradavelmente uma caçarola – e um leito”.⁴¹

Fótiis o envolve com muito erotismo e astúcia. Estas palavras emanam sensualidade e desejo. Em certa passagem, determina até o momento do ato sexual, “tem piedade de mim”, eu lhe roguei “socorre-me depressa”. Como vês, minhas forças estão tensas à aproximação do combate que me anunciaste, sem proclamação do fecial.”⁴²

Temos uma mulher distante das normas tradicionais, daquelas normas que atribuíam às mulheres apenas um papel submisso, onde o homem tudo controlaria e comandaria. Especialmente para uma escrava. Como ressalta Herman Hofmann, “a vida da maioria dos cidadãos – aquela dos escravos era ainda muito pior! – era de um nível radicalmente mais modesto. Amontoados em habitações estreitas e pobremente mobiliadas, deviam trabalhar duro para ganhar seu pão.”⁴³

Além disso, Apuleio tem o cuidado de impor marcas ao diálogo erótico entre Fótiis e Lúcio, isso manifesta-se sob a égide das imagens sociais: o espaço da cozinha para a mulher – “sei fazer dançar agradavelmente uma caçarola – e um leito”⁴⁴ – e as imagens cívicas para o homem – “minhas forças estão tensas à aproximação do combate que me anunciastes, sem proclamação do fecial.”⁴⁵ Institui-se, portanto, as ocupações e responsabilidades, que competia a cada um dos dois na sociedade. Com isso Apuleio torna ainda mais ridículo o comando de Fótiis. A caçarola dominava as armas e Apuleio, horrorizado com isso, tenta alertar seus contemporâneos.

Ao concentrar sua atuação social em casa, não implica ter uma mulher menos apta à busca de maior autonomia individual. Pois, “a mera

41 APULEIO, op. cit., p. 31.

42 Ibid., p. 35.

43 HOFMANN, H., apud FUNARI, P. P. A. *Cultura popular na antiguidade clássica*. São Paulo: Contexto, 1995. p. 23.

44 APULEIO, op. cit., p. 31.

45 Ibid., p. 31.

localização das mulheres no espaço doméstico-privado não caracteriza uma violência contra as mulheres.”⁴⁶ A coação se efetiva, de fato, quando definimos

...o espaço privado não como espaço da privacidade e da intimidade, mas como lugar da privação. Estar (...) circunscrito ao espaço privado é estar privado da relação com os outros pela palavra e pela ação na construção e nas decisões concernentes ao mundo comum, i. e., à existência política.⁴⁷

A historiografia representa satisfatoriamente esta definição ao afirmar que as romanas são vítimas dessa privação, por serem apêndice doméstico do homem, que raras vezes se subtraem à sua posição de *domina domi* e, quando o fazem, é para prejuízo do “bem público”. Contudo, observamos claramente as reações de transgressão da personagem Fótis, que se mostra distante do ideário de mulher submissa. Ao se valorizar apenas a atuação político-institucional como signo de autonomia social, a historiografia deixa de apreender as estratégias de afirmação feminina que alimentavam outros espaços de ação social.

Em outra passagem, Fótis participa da preparação de um ritual ao deus Riso, no qual Lúcio seria vítima de ridículo. Esta festa consistia em aplicar uma brincadeira a um visitante, onde toda a comunidade participava com o objetivo de dar muitas gargalhadas. Porém, ao terminar a festa, nosso protagonista, ficou aborrecido por ter sido enganado pela amante. Então, Fótis argumenta:

Fui eu mesma, confesso, que te proporcionei esta desgraça (...). Não creias, todavia, que te causei desgosto voluntariamente. Não praza aos deuses que tenhas de sofrer por minha causa o mais ligeiro dissabor. (...). Mas do que fiz, cumprindo ordens, e com outra intenção, minha má sorte fez recair sobre ti as abomináveis conseqüências.⁴⁸

46 CHAUI, M. *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, [19-]. p. 33.

47 HARENDT, apud CHAUI, op. cit., p. 33.

48 APULEIO, op. cit., p. 50.

Tal argumento surgiu sob a ameaça de perder o amante. É neste ponto, que Apuleio impõe a Fótis uma tomada de decisão. Fótis, por um lado, tinha o conhecimento do interesse de Lúcio pelas artes mágicas e se revelasse os segredos de sua ama não perderia o amante,

...estou tremendo, estou cheia de horror, ao pensar em revelar o que sucede nesta casa, e ao pensar em desvendar os segredos misteriosos de minha ama (...) sei que, iniciado como és em mais de um culto, conheces seguramente a santa lei do silêncio.⁴⁹

Por outro lado, arriscava-se, ao trair Panfília, revelando a Lúcio seus segredos. Isso significava uma aposta: trocar uma situação mais estável por outra instável. O relacionamento com Lúcio era proveitoso, devido à possibilidade que lhe abria de comprar sua liberdade. Como liberta poderia ser concubina,⁵⁰ pois na condição de escrava a legislação romana não permitia este tipo de união.

Na realidade, buscava proteção material e melhoria da sua posição social. Não equivaler-se a Lúcio, mas promover-se. Era uma sociedade que valorizava as hierarquias sociais; uma sociedade que privilegiava um grupo limitado de pessoas, os cidadãos, grupo em que não se integrava um número considerável de indivíduos.⁵¹ Fótis, como escrava, não poderia ser sequer concubina de Lúcio. É muito natural a estratégia de Fótis de buscar ligar-se a Lúcio. Para isso ser possível ela teria que ser liberta com condições materiais mínimas à sobrevivência, contando, para isso, com o auxílio do amante poderoso. Daí sua aposta na intensificação de seus laços com Lúcio com risco de perder a confiança da senhora e a autonomia de que gozava naquela casa.

Esta estratégia é adjacente àquela vivida pela “esposa do jornalei-

49 APULEIO, op. cit., p. 50.

50 As concubinas eram mulheres com a qual o homem, casado ou não, dormia habitualmente. Não se permitia, contudo, que um homem casado tivesse mais de uma concubina. Pois “o concubinato precisava também se parecer em tudo com o casamento; a concubina – no segundo e o único sentido honroso da palavra – devia ser livre”. VEYNE, P. A casa e seus libertos. In: VEYNE, P. *História da vida privada: do império romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

51 SALLES, C. *Nos submundos da antiguidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 280.

ro”, que vive inserida no núcleo masculino, usando da união matrimonial como estratégia de afirmação social. Utiliza-se da condição de dona-de-casa para conseguir sua autonomia afetiva, mantendo amantes e afastando-se pelo casamento do modelo de dominação que deveria coibir tal comportamento. Fótis é sensível à idéia da utilização da união com um homem de boa posição social como forma de “alcançar” uma nova situação social. Assim, ambas utilizam os mecanismos que deveriam oprimí-las e controlá-las para escapar ao controle e à opressão. É essa perversão que Apuleio quer atacar.

Iniciemos, por fim, a análise da personagem Méroe. Lúcio, o personagem narrador, ao fazer a viagem à Tessália, conhece um homem chamado Aristômenes que conta-lhe a seguinte história: guiado pelo desejo de comprar queijo fresco mais barato, em Hípata, encontra o amigo Sócrates, que a família dava por morto. Estando Sócrates em total miséria, leva-o a um estabelecimento de banho, dá-lhe um bom repasto e o abriga em uma estalagem. Em seguida, Sócrates conta-lhe que tinha fugido das garras de uma terrível mulher. Ao voltar da Macedônia a trabalho, resolvera parar em Larissa para assistir a um espetáculo de gladiadores. Aí, um bando de ladrões o atacou. Sem ter para onde ir, pediu ajuda a uma velha estalajadeira, Méroe. Ela consente em ajudá-lo. Contudo, Méroe o faz por ter se apaixonado por Sócrates, a quem reterá, contra sua vontade. Esse se vê indefeso. Ele descobre, tarde demais, que a estalajadeira é dona de bordel e uma poderosa feiticeira.⁵² Mantém a cidade tendo um pavor generalizado de si, pois os cidadãos temiam ser vítimas de sua feitiçaria. Graças a tais poderes, Méroe ouve a conversa entre Sócrates e Aristômenes. Irada com o relato do amante, mata-o sem que Aristômenes pudesse reagir a violência.

A personagem Méroe é representada no universo cotidiano como uma figura aparentemente atípica dentro do quadro construído por Apuleio,

52 Apuleio critica a utilização da magia para a conquista de fins particulares. As leis naturais são universais e, por isso, não se deve intervir junto a elas para a realização de interesses privados. Há uma incompatibilidade entre o significado da magia enquanto sistema religioso e saber técnico no plano vivido. O primeiro possui uma conotação de serenidade, respeito para com a divindade e status social ao sacerdote responsável pela prática do ritual mágico. No livro XI, há uma passagem em que a deusa Ísis conversa com o protagonista, Lúcio: “Presta atenção às ordens que vais receber de mim, uma atenção religiosa” (APULEIO, 1988, p. 182). Enquanto, o saber técnico, refere-se ao uso dos preceitos para ações cotidianas fúteis, como: previsões para bons dias de viagens, conquistas pessoais e até charlatanismo. Cf. SILVA, G. V. da. Política e magia no IV século. *LPH: Revista de História*, Minas Gerais, n. 6, p. 153, 1996.

pois suas ações são completamente independentes do domínio masculino. Nenhuma outra personagem foi apresentada assim. Para lembrar um exemplo, Méroé defende-se sozinha ao sentir-se ameaçada:

O dono de uma casa de prazer vizinha, e, que, por isso mesmo, lhe fazia concorrência, foi trocado por ela em rã. Agora, o velho nada no tonel e, mergulhado no limo, saúda com toda a cortesia, (...) aqueles que outrora vinham beber seu vinho.⁵³

Com isso, Méroé desvia-se do uso de vínculo matrimonial, que era considerado um dever cívico ou do concubinato. Isso causa estranheza em uma sociedade em que, a partir da proeminência social consolidada no nível doméstico, a mulher podia se impor noutros espaços de sociabilidade. Psiquê, por exemplo, em seu conto, tem todo o relato que a envolve permeado pelo conflito que se estabeleceu em função do fato de não conseguir uma união conjugal: “todos a contemplavam, (...) mas ninguém, nem rei, nem príncipe, e, à falta destes, nem homem da plebe desejava sua mão ou se apresentava para obtê-la.”⁵⁴ Méroé, contudo, não era casada e vivia rodeada de amantes. O próprio Sócrates narra com pesar a facilidade com que ela o envolveu:

...fui procurar abrigo em casa de uma estalajadeira chamada Méroé, muito agradável, apesar da idade. Contei-lhe as circunstâncias de minha longa viagem, as angústias da volta (...). Tratou-me, no começo, de modo muito humano; ofereceu-me um generoso repasto e, mais que depressa, no fogo do desejo, fez-me partilhar do seu leito.⁵⁵

Apuleio, ao representá-la de forma distinta, apresenta-nos igualmente uma preocupação quanto às mudanças de sua época. Méroé parece ser a seus olhos o modelo do que se tornariam as mulheres, caso continuasse a liberalização que simbolizam as personagens Fótiis e a “esposa do jornaleiro”. Logo, a sociedade romana, segundo o autor, desgastar-se-ia

53 APULEIO, op. cit. p. 19.

54 Ibid., p. 73.

55 Ibid., p. 18.

pelas atitudes inconseqüentes das mulheres. Não é à toa, que Sócrates conta que Méroe desestabilizou a ordem social de toda uma cidade, controlando-a:

...decidiu-se que, no dia seguinte, [os cidadãos] castigá-la [Birrena] -iam sem piedade, lapidando-a . Porém, ela previu o plano (...) operando sobre uma cova, (...) manteve todos os habitantes da cidade fechados em suas casas pela força muda das potências divinas (...). Por fim, pela instigação de uns e de outros (...) gritaram e juraram, (...) que nenhum deles levantaria a mão contra ela (...). Sob estas condições (...) abrandou e libertou a cidade inteira.⁵⁶

Portanto, o pensamento apuleiano baseia-se numa retomada dos antigos valores morais que estavam se diluindo e dando lugar a inúmeros adultérios, casamentos instáveis. Como observa Robert: “são raros os casamentos tão duráveis, não interrompidos pelo divórcio.”⁵⁷

Apuleio, contudo, mais do que recriminar as atuações de autonomia feminina, faz uma crítica tenaz ao descaso masculino. O romance é um tipo de precaução quanto aos rumos de declínio que vêm ocorrendo no universo romano. Em especial, pela mudança de comportamento das mulheres. Tal alerta perpassa tanto toda a postura de Méroe, que vive completamente afastada do núcleo masculino, quanto das outras duas, que mesmo vinculadas à idéia de casamento e concubinato utilizam-no para interesse próprio, desvirtuando sua finalidade social. Portanto, Méroe representa o caso limite a que se chegaria se os homens nada fizessem, Fótis e a “esposa do jornaleiro”, mostram as mulheres que surgiam em razão dos homens não as controlarem. Assim, concluímos que o casamento romano, tal qual nos mostra a historiografia, era algo desejado pelos homens romanos (e, talvez, pelos homens historiadores), mas que não corresponde à realidade vivida por homens e mulheres daquele tempo.

Ao estudarmos as imagens produzidas neste romance, deparamo-nos com diversas ações femininas no cotidiano, que despertaram nos ho-

56 APULEIO, op. cit., p. 19.

57 ROBERT, J.-N. *Os prazeres em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 189.

mens insatisfação. Isso os faz lembrar com saudades das mulheres antigas. Um exemplo disso é percebido no conto de Psiquê e Cupido, no qual Apuleio faz uma representação dessas mulheres projetada na jovem protagonista do conto que, ao final, é divinizada. Psiquê, depois de uma série de reviravoltas, perde seu marido. Para retomá-lo, será colocada à prova. Psiquê sacrifica-se por seu marido e virará deusa. Já nos outros casos analisados – a “esposa do jornaleiro”, Fótiis entre outras –, Apuleio mostra mulheres não-divinas. No mundo das mortais, temos que a busca de posturas mais autônomas por parte das mulheres é generalizada. Esse afastamento a uma situação de dependência com relação ao elemento masculino é duramente criticado por Apuleio. Essas mulheres refletem a negação dos valores tradicionais, isto é, aqueles que visam manter a mulher como suplemento doméstico do homem.

Esta análise da atuação feminina se deu através de um opção específica de análise: separar as mulheres entre ricas e pobres. Quando as dividimos em dois grupos distintos, podemos descobrir as semelhanças e diferenças entre elas. Daí temos a possibilidade de identificar o que as ligava de maneira geral, mesmo que tivessem vidas socialmente diferentes. Isso porque, não havia uma “mulher romana”. Ou seja, na Antigüidade Clássica não tínhamos um padrão de luta por uma existência mais autônoma das mulheres que caracterizasse um movimento coletivo. O que se tem são ações isoladas que tendiam ao fortalecimento masculino ou feminino.

Esta estratégia de análise comparativa nos forneceu uma melhor compreensão da instituição matrimonial. Instituição que se moldava de acordo com a variação de posições sociais. Isto é, o casamento nas camadas pobres e ricas possuía particularidades. A elite, por exemplo, apoia-se nas uniões familiares objetivando o patrimônio, como também, as alianças políticas. Daí a importância da procriação como discurso justificador do matrimônio. Será no uso dessa capacidade reprodutiva, portanto, que esta mulher terá uma abertura rumo a sua autonomia social. Enquanto, a mulher pobre terá função diversa dentro do casamento, pois não possui uma condição destacada, nem do ponto de vista financeiro nem no que tange a perpetuação de uma família tradicional.

As mulheres pobres “aceitam” as convenções da sociedade romana, ajustando-as em proveito próprio. Confirmamos tal hipótese nos três casos analisados. No primeiro, a personagem utiliza estrategicamente o matrimônio como forma de afirmação social. Sua condição de *domina domi* lhe

proporciona uma autonomia efetiva, mantendo, às furtadelas, um amante em sua casa. Esta personagem apuleniã, ao procurar relações que extrapolam as paredes de seu lar, traz à luz uma prática feminina contraventora à tradição masculinizada e que, portanto, preocupava o autor de *O asno de ouro*. Fótiis, numa atitude similar, aproveita-se da possibilidade de unir-se com um homem de posição elevada para alçar-se a uma nova situação social. Méroe, por outro lado, será representada de forma distinta no romance.

A “esposa do jornaleiro e a Fótiis utilizam o casamento ou o concubinato como uma estratégia de afirmação social. Méroe, contudo, utilizará a magia como fonte de autonomia, além de ser dona de bordel. Com isso, Apuleio introduz, na postura de Méroe, um completo afastamento com relação ao núcleo masculino. Isso sinalizaria uma possível catástrofe para a sociedade, caso outras mulheres a tomem como *exemplum*. Enquanto as outras personagens representam um mal aos olhos de Apuleio, ou seja, mulheres que escaparam ao controle dos homens; Méroe é o caos, é a ausência completa de controle masculino sobre a mulher.

Afinal, parece-nos que, em função da progressiva desaparecimento do ideal de mulher antiga como algo efetivamente existente, a instituição familiar no século II de nossa era se transformou a ponto de termos uma relativa liberalização da condição dos filhos e, mais especialmente, das esposas frente ao *pater familias*. Há, nesse momento histórico, uma disputa quanto a qual deva ser a situação da mulher. E é essa disputa que Apuleio nos traz de forma viva através dos retratos que faz de suas personagens femininas. Um retrato dinâmico que mostra e se coloca frente a essas lutas, diversamente do que fazem as leis, que as cristalizam.

Os historiadores, em sua maioria, dão importância a essa face legal do matrimônio. Damos ênfase à realidade cotidiana dessa, representada pelas projeções ficcionais construídas por Apuleio. Ali fica claro que essa face pública (a legal) não era a única e, cremos, que sequer era a mais importante.

Os romanos consolidaram, nas leis que regulavam o matrimônio, seu desejo de manter sob controle as mulheres. Tentaram excluí-las de todos os meios sociais, e até mesmo, afastá-las da história. Tal idéia também foi corroborada pelos homens historiadores de nosso tempo. Contudo, desprezaram a própria natureza do ser humano, que independentemente de sua posição social, convive e atua com o meio em que habita. Isto é, “todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos conscientemente repre-

sentando um papel.”⁵⁸ As romanas, ao desempenharem seu papel no casamento, fizeram-no em atenção a seus interesses. Com isso, transformaram o casamento profundamente com relação à norma legal, sem desrespeitá-la frontalmente. Enfim, elas se utilizaram dos mecanismos de opressão para escapar ao controle.

Agradecimentos

Sou grata a Pedro Paulo de Abreu Funari e Fábio Faversani pelas sugestões e esclarecimentos para o desenvolvimento deste artigo. Os equívocos remanescentes são de responsabilidade da autora.

Referências

APULÉE, L. *Ouvres Complètes*. Traduit par: Victor Bétolaud. Paris: Garnier Frères, 1891. p. 278.

APULEIO, L. *El asno de oro*. Madri: Alianza, 1988. p. 71.

CHAUÍ, M. *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, [19-].

FEITOSA, L. M. G. C.; FAVERSANI, F. *Sobre o feminino e a cidadania em Pompéia*. Campinas: [s. n.], 2000. Manuscrito inédito.

FINLEY, M. I. As silenciosas mulheres de Roma. In: FINLEY, M. I. *Aspectos da antigüidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 150-151.

⁵⁸ GOFFMAN, E. *La presentación de la vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1970. p. 249.

FUNARI, P. P. A. *A cultura popular na antigüidade clássica*. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. Em torno da ânfora: terminologia latina dos vasos recipientes. *Cultura clássica em debate*. Belo Horizonte: UFMG, 1987. p. 51-61.

GOFFMAN, E. *La presentación de la vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1970.

GRIMAL, P. *O amor em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ROBERT, J. N. *Os prazeres em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 189.

ROUSSELE, A. A política dos corpos: entre a procriação e continência em Roma. In: DUBY, G.; PERROT, M. *História das mulheres (antigüidade)*. Porto: Afrontamento, 1990. p. 353.

_____. *Pornéia: sexualidade e amor no mundo antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 38.

SALLES, C. *Nos submundos da antigüidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SILVA, G. V. da. Política e magia no IV século. *LPH: Revista de História*, Minas Gerais, n. 6, p. 153, 1996.

THOMAS, Y. A divisão dos sexos no direito romano. In: DUBY, G.; PERROT, M. *História das mulheres (antigüidade)*. Porto: Afrontamento, 1990. p. 127-202.

VEYNE, P. A casa e seus libertos. In: _____. *História da vida privada: do império romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *História da vida privada: do império romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 45.

_____. *La société romaine*. Paris: Éditions du Seuil, 1978. p. 96.